

PENNY VINCENZI

PROMESSAS DESFEITAS

Tradução de Isabel Alves

1971

Estava então praticamente acabado. Amanhã, por esta hora, estaria resolvido. Amanhã, por esta hora, ela saberia. Se ainda seria mãe na plena aceção da palavra, do tipo que desperta a filha todas as manhãs e a aconchega na cama todas as noites, que a leva à escola e a vai buscar, que sabe quando ela tem uma dor de barriga ou um pesadelo, que se zanga e discute com ela, que decide quando a filha deve cortar o cabelo ou se precisa de sapatos novos, que a repreende por se furtrar a fazer os trabalhos de casa ou faltar aos ensaios de *ballet*, que insiste para que faça a cama e arrume o quarto e escreva cartas de agradecimento e limpe a gaiola do *hamster*... Ou do outro tipo, do tipo «uma vez por semana», que providencia um quarto perfeito e a comida preferida, que oferece prazeres e passeios e é bastante generosa com os amigos, excessivamente tolerante, nunca zangada, nunca crítica, atenta a novas lealdades, ciumenta de novas tradições...

Qual destas mães passaria a ser?

A mãe com custódia? Ou a mãe sem ela?

Que horror, sentia-se terrivelmente mal. Sentiu que ia vomitar ali mesmo. Em cima da mesa do conservador.

A mesa do conservador. Na Câmara Municipal de Chelsea. Não o altar na igreja paroquial de Wellesley.

Baixou os olhos; viu os sapatos. Os sapatos brancos de tacão alto, com aqueles bonitos laços vermelhos que replicavam os laços vermelhos do seu vestido. O vestido curto de renda e não um vestido comprido de cetim com saia rodada.

Proferiram os votos, foram declarados marido e mulher e trocaram um beijo.

Agora sentia-se melhor e virou-se, sorrindo à sala. Aos amigos. Não uma igreja cheia, apenas duas filas; e um grupo reduzido de familiares, quase todos do lado dele.

Assinaram o registo, levantaram-se e saíram da sala. Não percorreram a coxia, saindo para o pórtico da igreja, mas saíram da sala para o átrio da conservatória. E lá para fora, para os degraus, e não para se depararem com uma multidão risonha e amiga mas sim com meia dúzia de transeuntes desinteressados.

Que lhe acontecera? Que lhe aconteceria? E como era possível que se sentisse tão chocante e esplendorosamente feliz?

Outono/inverno de 1964

– Mãe, preciso de te falar de um assunto.

– Sim, querida, nós sabemos. É maravilhoso...

– Não, mãe, não é nada maravilhoso. Não é o que estás a pensar.

O Jeremy pediu-me em casamento...

– Sim, nós sabemos, querida. Ele...

– Pois, mas... não vai acontecer. Não me vou casar com ele. Não posso.

Não posso mesmo. Porque estou apaixonada por outra pessoa.

Com quem não ia – necessariamente – casar-se. Não lhe agradavam as opiniões dele sobre o casamento. Não lhe agradavam as opiniões dele sobre muitas coisas. Mas amava-o com uma paixão absoluta e violenta.

Em parte, era o sexo, claro. O sexo era espantoso. Nunca teria imaginado que um corpo diferente pudesse fazer tanta diferença. A diferença entre um prazer simples e natural e um deleite febril e impetuoso; entre desejar e precisar, precisar desesperadamente, tanto que não era capaz de pensar em mais nada até ter. Até tê-lo. Entre o conforto e a tortura; entre o calor e a ternura e um estado de quase angústia chocante, o corpo coberto de suor; entre dizer «foi bom» e uma imobilidade muda e comovida.

– Oh, meu Deus – tinha ela dito quando, depois da primeira vez, se libertara finalmente dos braços dele, contemplando-o, lutando contra a falta de ar, o corpo ainda a pulsar numa espécie de abalo sísmico. – Oh, meu Deus, Matt.

– Oh, meu Deus, o quê?

– Só isso... oh, meu Deus!

– Logo vi – disse ele, num tom de autossatisfação. – Logo vi que não tinhas.

– Não tinha o quê?

– Atingido o orgasmo.

– Claro que atingi.

– A sério, não. Não como merecias. És tão incrivelmente *sexy*, Eliza, e estavas a perder o melhor. Eras como... como uma espécie de semivirgem.

– Isso é ainda mais idiota. Ninguém pode ser semivirgem; é como só estar um pouco grávida.

– Claro que pode. Tu eras. Semicozinhada... merda, não me sei exprimir.

– Pois não – disse ela –, realmente não sabes.
– Bem – disse ele, após uma pausa –, que dizes a isto? Amo-te.
Era a primeira vez que o dizia.



Toda a gente ficou zangadíssima com ela. Os pais, de um modo discreto, ofendido, efervescente: como podia ter rejeitado Jeremy, quando ele a amava tanto – «Não estou assim tão certa disso» – quando ele tinha tanto a oferecer-lhe – «Mas o que ele tem para oferecer não é o que eu quero».

Ela compreendia, naturalmente, o que significava para eles.

Jeremy representava a sùmula de toda a sua educaçã: aquilo para que os pais se haviam esforçado, o que haviam sacrificado e esperado, aquilo por que haviam quase rezado. Consideravam que era uma desfeita pessoal, um insulto ao seu credo social. E ela compreendia que os privara também de outra coisa embora eles preferissem morrer a admiti-lo.

Charles, que professara ter por Matt uma amizade genuína, ficou quase tão zangado. – É absurdo, Eliza, vês isso com certeza, uma ideia absurda, trocar o Jeremy pelo Matt Shaw.

– Porquê? – tinha ela perguntado.

– Sabes muito bem porquê – retorquiui ele e ela tinha dito que não, que não sabia. Charles deu-lhe a resposta esfarrapada de que Jeremy era um dos seus maiores amigos, fora até seu padrinho de casamento, e ela dissera que tinha muita pena mas que não podiam esperar que se casasse com alguém que não amava só porque tinha sido padrinho de casamento do irmão.

Juliet não lhe disse absolutamente nada.



Ela começou a temer esbarrar com os amigos de Jeremy; eram todos extremamente frios com ela, considerando que o seu comportamento fora indecente. Seria de pensar, refletiu Eliza, que era casada com Jeremy e o traía, quando nem noivos estavam; e de quem era a culpa? Se ele a tivesse pedido em casamento mais cedo, provavelmente a estas horas estaria casada com ele.

A maioria dos amigos dela, aqueles com quem crescera, pelo menos, e com quem andara na escola e partilhara apartamentos, ficaram horrorizados e disseram-lhe que se ia arrepender, embora uns quantos tivessem ficado claramente intrigados e lhe tivessem perguntado o que Matt tinha assim de tão especial. Ela sabia o que isso queria dizer: sexo. Toda a gente assumia que era o sexo e só o sexo. A explicação não podia ser outra para rejeitar alguém tão rico, atraente e absolutamente perfeito como Jeremy em favor de alguém que era – como uma amiga dissera – «de um mundo tão diferente». Mas não era o sexo – ou era apenas em parte; era quase impossível explicar, mas o mais parecido com uma explicação era que, quando estava com Matt, se sentia absoluta e totalmente absorvida por ele, a todos os níveis e de todas as formas. Ele cativava-a. Cativava o seu espírito e o seu coração e o seu corpo e todo o seu ser. A vida sem ele era completamente impensável. Era tão simples como isso.

Até Maddy parecia um tanto chocada. – O Jeremy é tão querido – disse –, e está mesmo talhado para ti. E o Matt é radicalmente diferente de ti, Eliza. Como pessoa, digo eu. E, à maneira dele, é mais convencional do que o Jeremy.

– Ora, isso é um absurdo completo – disse Eliza.

Só Jack Beckham parecia estar do seu lado e até a convidou para uma bebida. – Parabéns – disse ele. – Gostei muito desse rapaz, pelo menos do que vi dele, gostei mesmo muito. Mas percebo que o que fizeste não foi fácil.

Eliza ficou tão sensibilizada e surpreendida que começou a chorar e depois pediu desculpa por estar a ser parva; mas Jack emprestou-lhe o lenço e disse que ao menos ela não estava em vias de se ir embora para ter filhos.

– Claro que não vou ter filhos – disse Eliza, fungando.

A madrinha convidou-a para almoçar e, em lugar de se lançar no ataque de que Eliza estava à espera, passou-lhe um generoso xerez e disse: – Tenho a certeza de que andam todos a dizer-te que cometeste um erro terrível. Não faço parte desse grupo. Sinto orgulho em ti. É demasiado fácil dizer ámen com toda a gente e fazer o que os outros querem. Vá, por amor de Deus, não te ponhas a chorar. Pensei que ficarias satisfeita.

– E fico – disse Eliza –, claro que sim. Mas tem sido horrível ouvir as pessoas dizerem-me que sou doída ou pérfida, ou as duas coisas.

– Ora, as pessoas são umas intrometidas e para elas não há nada mais fácil do que viver a vida dos outros.

– É possível. E, claro, dei um desgosto enorme à minha mãe...

– Disparate. Percebo que lhe agradasse muito ver-te dar o nó com o jovem Northcott. Mas não acredito que ela gostasse de te ver infeliz. O que seria o caso se te casasses com alguém que não amavas. Ela há de mudar de ideias, querida. Não te aflijas.

– E depois há a casa.

– É, estou a par desse problema, mas não podes casar-te com alguém só para pagar as obras da casa.

Eliza riu-se e voltou a pôr um ar sério. – Madrinha, sabes bem que não é só isso. É muito importante para ela, aquela casa, e com o pai doente, precisa de continuar lá, se puder.

– Bem, não te preocupes, arranjaremos uma solução. E o Matt, trabalha no setor da construção, não trabalha? Não pode ajudar?

– Não... não sei. Não tem muito dinheiro, se é isso que queres dizer.

– Talvez não, mas deve conhecer empreiteiros. Vais-te casar com ele?

– Não sei – disse Eliza, suspirando profundamente –, ele não me pediu em casamento, por isso talvez não.

– Há de pedir – disse Anna Marchant. – Aposto que sim.

A única pessoa que reagira com absoluta compreensão e simpatia fora Jeremy. Ela baixara os olhos para ele, ajoelhado na lama, e após uma breve pausa, dissera que lamentava mas que não podia, não o amava o suficiente, e em seguida rompera em lágrimas; e ele levantara-se, voltara a meter a caixa do anel ao bolso do Barbour, passara-lhe o braço pelos ombros e dissera-lhe que não chorasse, que compreendia perfeitamente, preferia que ela fosse honesta agora e não se casasse com ele e que o abandonasse mais tarde. Tinham voltado para casa e tomado chá com *crumpets* na cozinha e ela dissera então que achava melhor ir-se embora. Jeremy respondera que sim, que era provavelmente melhor, e fora até pôr-lhe a mala no carro, dando-lhe um beijo de despedida e acenando-lhe. Esse momento fora provavelmente o mais difícil de todos; olhar para ele pelo espelho retrovisor, tão indescritivelmente atraente e simpático e... perfeito, sim, com os Labradores dourados de cada lado dele e a enorme casa em segundo plano, e pensar momentaneamente se teria procedido bem. Dali foi diretamente

para casa de Matt junto ao rio; ele estava à sua espera, ansioso e quase agressivo com a inquietação, e tudo se compôs.

Eliza ficou no seu pequeno apartamento em Earls Court, passando quase todas as noites com Matt em Rotherhithe e regressando a casa de madrugada para se arranjar para o dia de trabalho. Tinha-se interrogado se ele sugeriria que fosse viver com ele, mas ele fez precisamente o contrário, frisando nesse primeiro domingo que essa solução não seria muito prática. – Esta casa é muito pequena, ficaríamos doidos um ao outro. – Depois acrescentou que, de qualquer modo, ainda era muito cedo e que deviam levar as coisas com uma certa calma. Ignorando uma pontada de puro terror, ela concordou.

O Natal foi... enfim, foi estranho. Não correu mal, mas foi estranho. Recebeu uma mensagem algo fria da mãe: era evidente que não podiam organizar o Natal este ano e tinham sido convidados a passá-lo com amigos da terra.

«E, para ser franca, não me sinto em posição de pedir para nos fazeres companhia, dadas as circunstâncias, acho que eles se sentiriam bastante constrangidos.»

– Com os diabos! – disse Matt, rindo. – Pois fica a saber que a minha família não se sentiria nada constrangida a convidar-te. Queres experimentar um Natal em Clapham? A Scarlett vai lá estar... gostas da Scarlett, não gostas?

Eliza gostava de Scarlett, gostava muito; ela parecia ter todas as virtudes de Matt e nenhum dos seus defeitos. Era boa companhia, embora Eliza pressentisse uma tristeza por detrás dos comentários acerbos que não era bem capaz de definir. Ela disse a Eliza que a achava perfeita para Matt. – Ele já baixou um bocado a crista. Pelo que vi, as outras namoradas deixavam-no fazer gato-sapato delas, gosto de ver alguém fazer-lhe frente.

Eliza, que tinha dificuldade em fazer frente a Matt e o mais das vezes cedia em prol de uma vida sossegada, decidiu que de futuro seria mais firme com ele.

Scarlett tinha um bonito apartamento em Kensington, que Eliza teria considerado acima do seu salário de hospedeira de bordo, embora logo tivesse pensado que não sabia quanto ganhava uma hospedeira de bordo; tinha também inúmeras roupas caras, incluindo um casaco de peles, que

insistia em dizer a Matt que era coelho. Eliza, que sabia perfeitamente reconhecer a pele de zibelina, ficou intrigada.

Passaram a maior parte do dia de Natal na cama; mas, à noite, foram a Clapham e Eliza foi apresentada à família de Matt. Simpatizou imenso com Sandra, achou-a bonita e bem-humorada, com o mesmo sentido de estilo da filha, e os dois rapazes eram fantásticos, mas teve algumas dúvidas em relação a Pete. Ele mostrou-se visivelmente desconfiado dela e mais do que uma vez gracejou a propósito de ela se «misturar com a ralé», como pôs a questão.

Sentiu interesse em observar Matt no ambiente familiar. Estava mais ou menos à espera de que ele se comportasse de maneira diferente, mas era exatamente o mesmo, um pouco presumido, um pouco melindroso, extremamente afetuoso com a mãe.

Beberam bastante, viram televisão e, passado algum tempo, Matt, os irmãos e Pete foram até ao *pub*, «só para tomar um copo».

– Peço desculpa – disse Sandra. – Quando eles voltarem, jogamos uma partida de Monopólio, se achares bem, é o jogo favorito do Matt desde criança.

Eliza disse que não se importava nada e perguntou a Sandra onde comprava a roupa. – Adoro esse vestido, é o máximo. – Em seguida, instalou-se para um serão de *martinis* e Monopólio, vendo Matt a ganhar tudo – desconfiou fortemente de que ele fazia batota – e a comprar, não apenas Park Lane e Oxford Street e uma série de hotéis, mas também todas as estações de Londres. Pensou se ele alguma vez o faria na vida real e decidiu que, com ele, nada era impossível.